



SOBRE A ÓTICA DE UMA EXPERIÊNCIA ESCOLAR : HISTÓRIA LOCAL E AS MARCAS DE UM REGIME DE ESCRAVIDÃO EM QUESTÃO.

UPON A SCHOOL EXPERIENCE OPTICS: LOCAL HISTORY AND THE MARKS OF A SLAVERY REGIME IN FOCUS.

Cícero Maia de Freitas*

Mara Natalia Fernandes da Silva**

Vilarin Barbosa Barros***

RESUMO: Em nossa experiência de Estágio Supervisionado sentimos a necessidade de trabalhar alguns fragmentos de relações da “História Regional e Local”, na Escola de Ensino Médio Cel. Virgílio Távora (localizada no município de Quixadá-Ce), visando suprir a carência desses conteúdos nesta escola e também mostrarmos a importância do conhecimento histórico partindo do vivido dos educandos. Até que ponto foi possível alcançar nossos objetivos? Um outro fator almejado em nosso mini-curso, “Na História de nossa Região, As marca de um Regime de Escravidão”, foi trabalhar o que contempla na Lei 10.639/03. Então, quais as dificuldades que tivemos ao trabalhar com fragmentos da história e cultura afro-brasileira? Como perceber historicamente as relações étnico-raciais em nossa cidade? Os desafios ao desenvolvimento de nosso trabalho foram sendo postos cotidianamente, que caminhos trilhamos?

PALAVRAS CHAVE: História Regional; Historia Local; relações étnico-raciais, marcas escravocratas.

ABSTRACT: In our experience of Supervised Stage, we felt the need to work some fragments of relations of the "Regional and Local History," at the School of Middle Education Cel. Virgilio Távora (located in the municipality of Quixadá-Ce), to remedy the lack of such content in school and also show the importance of knowledge of the history, starting from what was lived by the students. To what extent was possible to achieve our goals? Another factor aimed at our mini-course, "In the history of our region, the mark of a System of Slavery," was the work that contemplates the Act 10.639/03. So what are the

*Graduando em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE. E-mail: ciceromf@bol.com.br

** Graduada em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE. E-mail: maranatalia82@yahoo.com.br

*** Graduando em História na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC/UECE. E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br



difficulties that we had to work with fragments of afro-Brazilian history and culture? How can we realize, historically, ethnic-racial relations in our city? The challenges to the development of our work were being made daily, which tracks did we walk?

KEYWORDS: Regional History, Local History; ethnic-racial relations, slavery marks.

1. Introdução

Nosso curso teve como objetivo principal suprir a carência de uma abordagem histórica voltada para o âmbito local, na Escola de Ensino Médio Cel. Virgílio Távora, e dessa forma contribuir para um pensar histórico dos educandos sobre seu vivido e *realidade* em que está inserido. Aliás, como sabemos (BITTENCOURT, 2004, p.168),

O estudo da História local tem sido indicado como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.

Buscamos também com nosso curso, intitulado, “Na História de Nossa Região as Marcas de um Regime de Escravidão” cumprir com a Lei Federal 10.639/2003¹ e discutir as relações étnico-raciais em nossa sociedade.

2. Preliminares

Este artigo tem como um de seus objetivos relatar a vivência de um Estágio realizado em forma de mini-curso na Escola de Ensino Médio Cel. Virgílio Távora na cidade de Quixadá - Ceará. É importante lembrar que essa modalidade de estágio teve influência significativa da professora Socorro Lucena que na década de 1990 lecionou na

¹ A referida Lei obriga a implementação de conteúdos referente á história e cultura afro-brasileira e africana no Ensino Básico. O que percebemos na Escola que estagiamos é que essa realidade promulgada pela Lei 10.639/03 ainda está distante de ser efetivada. Chegamos a essa afirmação ao conversarmos com os docentes da Escola de Ensino Médio Cel. Virgílio Távora e pelo próprio nível de discussão dos educandos dessa mesma instituição.



Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central e nesse período desenvolveu essa idéia.

No primeiro contato que tivemos com a coordenação da escola que trabalhamos, nossos ideais foram bem assimilados pela coordenadora pedagógica, que ratificou a importância dessa modalidade fazendo referência a sua formação acadêmica pautada nessa idéia de estágio em forma de mini-curso. Acreditamos que o desenvolvimento de trabalhos dessa espécie pode contribuir para a construção de novas lógicas educacionais, assim como, construir novas relações entre educadores e educandos por se tratar de um momento que foge, em grande medida, da rotina de conteúdos “dados” pelos professores nas escolas.

Ao vivenciarmos o cotidiano escolar dos estudantes da Escola de Ensino Médio Cel. Virgílio Távora, percebemos, de modo geral, que eles têm pouca afinidade com o ambiente escolar. Essa pouca afinidade foi transparecida para nós no momento em que os vemos sujeitos a mecanismos de controle.

Esses mecanismos são perceptíveis quando observamos os estudantes sujeitos a normas de condutas padronizadoras, conflitando-se com suas visões de mundo bastante complexas (marca essa, de uma sociedade essencialmente heterogênea!). Os conflitos na instituição escolar ficam mais acentuados quando vemos idéias autoritárias sendo propagadas pelo corpo docente. E isso é perceptível de diferentes formas, tais como, o controle do tempo por uma ensurdecadora sirene que rotineiramente anuncia *o toque de recolher* dos estudantes, ou até mesmo quando vemos os educandos trancados por um portão que não possibilita se quer perceber o que está acontecendo nos arredores da escola. Não seria preciso rever essas formas de *controle* nas escolas? Em se tratando de uma instituição educacional, por que não buscar cativar os educandos com trabalhos artísticos, pesquisas, com o desenvolvimento de atividades esportivas, etc? Aliás, somos levados a pensar, nesse contexto, que a *escola* só pode não ter tempo para isso, haja vista que, os professores são competentes para o desenvolvimento dessas atividades aqui pensadas!

Um outro fator a se salientar e que vivenciamos em nossos “Estágios Supervisionados” foi a utilização, quase que exclusiva, do Livro Didático de História pelo professor em suas aulas. Entenda-se, exposição dialogada e/ou leitura interpretação do conteúdo do referido livro.



Não negamos as dificuldades que os professores enfrentam, como salários baixíssimos, salas superlotadas, carga horária intensivas e que deveriam disponibilizar para eles um suporte pedagógico bem maior para desenvolver suas atividades. Porém, acreditamos que as escolas (corpo docente) poderiam criar condições para uma melhor exploração dos recursos que nelas se encontra (para ficar em um exemplo, a utilização da Internet no auxílio à aprendizagem).

Um fator bastante assustador para a gente é quando no decorrer de nosso Estágio alguns professores professaram um discurso fatalista que tendia a alegar que nós só estávamos com idéias inovadoras porque éramos bastante “novinhos” (na área) mas, queria ver se com o passar dos anos iríamos ter tantos sonhos e pique para buscar melhoria “nesse sistema de educação que está posto”. Sobre essa postura (FREIRE, 2007, p.19),

Não tenho raiva de quem assim pensa. Lamento apenas a sua posição: a de quem perdeu seu endereço na história. A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar quase natural.

Após as 20 h/a de observação participante era o momento de realizarmos a regência através de um curso aos educandos. Ao contrário de outras experiências em que o educador disponibilizou a turma para desenvolvermos os ideais do curso, esta experiência tivemos que formar uma turma.

Como a procura para participar do curso foi acima do que imaginávamos, mais de trinta e cinco alunos, realizamos a pré-inscrição de ambos e marcamos outro dia para confirmar se os mesmos iam participar do curso. Dos que haviam se inscrito, poucos confirmaram, e naquele momento ficamos temerosos quanto à evasão de público de nosso pretense curso.

No primeiro dia do curso os vinte alunos que confirmaram a inscrição estavam presentes, mas, no decorrer do nosso curso, “Na História de Nossa Região, as Marcas de um Regime de Escravidão”, participaram em média de doze a quinze educandos, e os que freqüentaram assiduamente o curso foi aproximadamente dez estudantes. Com a exceção



destes últimos que freqüentaram, os demais participantes ficavam freqüentando o curso, mas de forma inconstante.

Diante, então, da situação mencionada acima, ficávamos questionando quais as razões destes educandos estarem desistindo? E mais, como poderíamos fazer para manter esse público em sala de aula e instigá-los a uma reflexão histórico-crítica? Como fazer para manter esses jovens adolescentes do turno da tarde em um curso noturno?

Destes alunos desistentes percebemos que alguns não se identificavam com a disciplina de história e já outros desistiram por questões de ordem familiar. Aliado a essas questões o nosso curso estava sendo realizado paralelamente a outros cursos, que em grande medida, fragmentou a participação dos educandos.

É importante salientar que a oferta de diversos cursos na referida instituição vem, ao nosso ver, contribuir de forma positiva com a rede pública de ensino, porque, em grande medida, supri uma necessidade do Ensino Básico que é o de trabalhar conteúdos direcionados a *história local*.

3. Desenvolvendo a idéia do curso.

O objetivo de nosso trabalho direcionado a compreensão de fragmentos de uma *história local e regional*, era poder levar nossos educandos a compreender algumas relevantes marcas de um regime de escravidão que influenciou ideologicamente o *espaço* que hoje conhecemos como Quixadá. É bem verdade que nossa abordagem histórica não se reduz a esse *espaço* (histórico-social ou físico de Quixadá) mas, visa a partir desse campo de observação reduzido, compreender aspectos gerais que enovelam as relações étnico-raciais constituídas por nossa história. Em um momento mais oportuno trataremos melhor dessa questão metodológica.

Ao percebermos a riqueza histórica que envolve nossa cidade como, patrimônio cultural, arquitetônico, natural, dentre outros, sentimos-nos instigados a trabalhar alguns fragmentos desse conhecimento em nossa Quixadá. É nesse contexto que delimitamos nossa temática.



Diante das discussões que vivenciamos nos cursos em que tratamos das relações étnico-raciais como por exemplo, “O livro didático e a Lei 10.639: educação afro-brasileira em questão²”, “O Museu de Quixadá enquanto suporte histórico³” e “Na história do Ceará: as marcas escravocratas em Quixadá⁴”, reconhecemos a necessidade de darmos continuidade aos nossos trabalhos possibilitando a inúmeros jovens dialogarem cotidianamente em suas escolas sobre essas relações.

Outrossim, é que apesar de 45% da população brasileira ser composta de negros(as) (de acordo com o censo do IBGE) e a dita *cultura nacional* ser marcada pelas *tradições afro-brasileiras*, vemos, que assim mesmo, isso não tem sido suficiente para eliminar esteriotipos e preconceitos contra a população negra. Dessa forma, propusemos uma temática para nosso curso que viesse, no mínimo, levar nossos educandos a se perceberem numa sociedade multicultural e compreender seus fenômenos essencialmente como social e historicamente construídos.

A necessidade de trabalhar um conteúdo que referenciasse a história e cultura afro-brasileira e africana, se deu, também, quando nos deparamos nas escolas de nosso município e observamos a carência na abordagem dessa temática. Mas, como podemos contribuir para a compreensão da importância em se estudar a História e cultura afro-brasileira em nossa cidade? Quais as reminiscências dessa História no âmbito local? Que caminhos metodológicos podem ser trilhados?

4. Metodologia

Para o desenvolvimento dos nossos objetivos realizamos nosso trabalho através de aulas expositivas, além de trabalharmos com fotografias, fontes hemerográficas, letras de músicas, dados quantitativos e documentários, articulando-os com uma perspectiva histórica de um conhecimento em construção.

² Curso de extensão realizado na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, no período de 2007.1. Ministrado por Isaíde Bandeira Timbó e Vilarin Barbosa Barros.

³ Realizado no período de 2006.2 na Escola de Ensino Médio Cel. Virgílio Távora em Quixadá. Ministrado pela Mara Natalia Fernandes da Silva e Vilarin Barbosa Barros.

⁴ Esse curso foi realizado na Escola de Ensino Fundamental José Jucá, no período 2007.1. Ministrado por Cícero Maia de Freitas, Mara Natalia Fernandes da Silva e Vilarin Barbosa Barros.



Ao darmos andamento ao nosso curso tivemos a preocupação de salientar sobre a importância do conhecimento histórico, e consecutivamente, propusemos um trabalho a ser realizado em grupo. Como fruto dessa proposta inicial os educandos produziram textos e apresentaram em sala, onde salientavam que,

História é um conhecimento em construção, que abrange as relações do ser humano entre si, com base em um espaço e tempo específicos. O conhecimento histórico se dá através de fontes, tais como fotografias, documentos, arquitetura... o que não quer dizer que essas fontes sejam inquestionáveis e incontestáveis, uma vez que a história que chega até nós sofreu influências de diferentes formas de pensar diferentes tempos e culturas.

Para mim história é o estudo do passado e do presente, no tempo e no espaço. Estudar história serve para muitas coisas, como por exemplo: serve para saber mais sobre os nossos antecedentes e como o homem surgiu. Nós podemos ver nos museus, nos álbuns fotográficos, tudo ao nosso redor tem um pouco de história. É por isso que eu gosto muito de estudar história, porque quem faz a nossa própria história somos nós!⁵

Nesse contexto buscamos aproximar a *história conhecimento* do cotidiano dos participantes do curso, procurando aguçar as idéias e olhares dos mesmos sobre suas próprias realidades. Outrossim, é que queríamos transparecer para eles o sentido que pode ser dado ao se estudar história, e mais, compreendê-la enquanto um conhecimento em construção no qual somos sujeitos.

No que diz respeito à temática de nosso curso, relacionada à escravidão negra em nossa região, atentamos não só para a sófrega vida da população escravizada, nem tão pouco para as condições sub-humanas em que viviam, mas também, emergimos com temáticas que perspectivava de forma relevante demonstrar a resistência da população negra escravizada na História do Brasil. Para isso, tratamos sobre a importância da capoeira (com as devidas marcas de seus tempos históricos), no âmbito da construção da *História Nacional*.

⁵ Orientamos a sistematização das idéias de nossos educandos partindo inicialmente de uma exposição teórica dialogada sobre a importância da história enquanto conhecimento, e posteriormente colocamos algumas questões no quadro (como, o que é história?; para que serve estudar história?; onde posso ver história?) com intuito de facilitar a sistematização das idéias trabalhadas no dia. Foi no contexto desse trabalho que eles (os estudantes) em grupo produziram esses textos.



Trouxemos dois capoeiristas para se apresentar e culminamos o dia em que falamos da resistência negra em nossa história, com a organização de uma roda de capoeira composta pelos ministrantes e os estudantes participantes do nosso curso.

Utilizamos outros métodos até então não realizados por nós como a dramatização. Com essa metodologia conseguimos, de certo modo, prender a atenção dos educandos, e mais, descobrimos que vários deles já tinham participado de encenações artísticas. Outro momento relevante do curso foi à aula de campo, da qual realizamos uma visita ao Museu Jacinto de Sousa, localizado em nossa cidade. Ora, percebendo a riqueza patrimonial que comporta Quixadá, levamos os estudantes para espaço do museu, visando assim, explorar as riquezas históricas (temporais) que envolvem aqueles artefatos.

Os objetos que demos destaque na visita monitorada ao museu foram os referentes à escravidão negra em Quixadá. Através dessa nossa ação, pretendíamos inicialmente repensar a idéia de que o museu seria um espaço onde se guardava coisas *velhas* ou mesmo, o lugar daquilo que não presta mais, pois como sabemos (LOPES, 2001, p.127): “o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade social é excitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo”.

Apropriando-nos do conhecimento histórico procuramos entender as temporalidades dos objetos, e interrogando-os, fizemos leituras da sociedade e de seus tempos numa perspectiva reflexiva e transformadora. Não tínhamos como objetivo simplesmente expor ou reverenciar os artefatos do museu, mas, buscar relacionar objetos, reflexão e discussão, para assim, contribuirmos para a construção do conhecimento *histórico local*.

5. Abordagem histórica

Não podemos, assim, deixar de reconhecer a importância da cultura afro-brasileira no processo de formação da nossa sociedade, neste sentido pesquisamos a atuação dos negros na história local para melhor compreendermos o contexto da escravidão de seus povos. Com isso, percebendo as relações de escravidão em Quixadá, não poderíamos negligenciar a participação e resistência dos afro-descendentes na construção da nossa história.



Nosso trabalho teve também como propósito ampliar os olhares dos estudantes sobre a participação da etnia-racial negra na história do Ceará. Inicialmente, procuramos suporte teórico no texto intitulado “Negros no Ceará” (FUNES, 2002, p. 103-132) onde é tratado, num primeiro momento, da presença marcante dos afro-descendentes na constituição da nossa história. Trabalhamos com dados quantitativos, como tabelas, visando relacionar os números que nelas continham, não numa perspectiva estritamente descritiva, mas relacionando esses números ao social, e por sua vez, buscando mostrar para os participantes do curso, a falsa idéia de ausência negra na história do Ceará. Estudar a nossa história de forma crítica e problematizada pode levar os estudantes, de modo especial, a superar uma visão harmônica e romantizada arraigada no *mito da democracia racial*, alimentado por clichês como os de um pretense *Ceará terra da luz*.

Na tentativa de compreendermos a *história local* não negligenciamos fazer uma relação entre a *história regional e nacional*, demonstrando assim, como estão historicamente relacionadas. É bem verdade, que ao fazermos essas delimitações didáticas, compreendemos que essas relações histórico-sociais não se dão de forma fragmentadas, e as fronteiras entre o *local, regional e nacional* são fundamentalmente metodológicas.

Ainda utilizando nosso suporte teórico para história do Ceará, trabalhamos o texto; “Regime de escravidão- escravos de Quixadá -1755/1883” (COSTA, 2002, p.495-506) como fonte histórica. Aliás, sobre fonte histórica entendemos, “aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com seu problema. Ela é precisamente o material do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo” (BARROS, 2004, p.134).

Diante dessa fonte, analisamos o conteúdo de seu texto referente às relações de escravidão negra em nossa cidade, e assim vemos;

“Os escravos em Quixadá, salvo raríssimas exceções, jamais sofreram torturas como as aplicadas a seus irmãos de outras regiões, especialmente no sul do país. Geralmente eram tratados como íntimos das casas, um ente respeitado e querido da família, a quem serviam com humildade, mas com grande prazer, executando as tarefas, sem qualquer constrangimento.” (COSTA, 2002, p. 501)



Seria mesmo, possível falarmos em cordialidade numa relação histórica e social em que indivíduos pretensamente buscam destituir outros da condição de ser humano? Podemos dizer que houve tanta passividade assim do povo negro nesse regime de escravidão? Até que ponto é possível acreditarmos que pessoas submetidas à condição de escravo possa ser “um ente respeitado e querido da família” (Idem, op. cit.) dos senhores escravocratas? Assim, ao nos debruçarmos sobre essa fonte tínhamos como intenção compreender esse texto com as devidas marcas de seu tempo e lugar social, e mais superar essa história marcadamente sem conflitos.

Na verdade, uma questão é certa quando nos referimos à população negra no contexto da escravidão de seus povos na história do Brasil (FUNES, 2002, p.103),

Os negros escravos e libertos têm uma historicidade que não pode ser percebida de forma dicotomizada e muito menos analisada entre o conformismo e a resistência. Há toda uma experiência social construída historicamente pela etnia negra (“pretos, pardos e mulatos”), marcas visíveis de sua sociabilidade, de seu engajamento no mundo do trabalho, de suas práticas culturais e de lutas contra a discriminação e o preconceito

Essas marcas foram enfatizadas em nosso curso, visando à ampliação dos olhares dos educandos sobre sua história e a superação de preconceitos e estereótipos racistas que ainda irradia a nossa sociedade.

6. Considerações finais

Procuramos através de nosso curso contribuir para a aprendizagem dos educandos, mas, não há dúvida, de que esse momento que vivenciamos foi de fundamental importância em nossa formação, pois ao trabalharmos em grupo não deixamos que as diferenças emperrassem o andamento de nossas atividades. E além do mais, os imprevistos que foram surgindo, tanto no que diz respeito a nossa deficiente condição econômica, quanto os não programados acontecimentos em sala de aula serviram para que nós, com intuito de ensinar, aprendêssemos um pouco mais nessa riquíssima *escola da vida*.

Buscamos com o desenvolvimento desse curso despertar em nossos educandos a importância do conhecimento Histórico na formação de cidadãos críticos e percebedores



de seus tempos vividos. Assim como, levá-los a compreender a sua história e sociedade numa perspectiva plural, dinâmica e marcada por diferenças.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARROS, José D'Assunção. O Campo da História: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo, Cortez, 2004
- COSTA, João Eudes. Retalhos da história de Quixadá. ABC editora, Fortaleza. 2002.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Ed. Paz e Terra- 35ª edição, São Paulo, 2007.
- FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: Uma nova história do Ceará. Ed. Demócrito Rocha. Fortaleza. 2002.
- LOPES, Francisco Regis. Museu, ensino de história e sociedade de consumo. IN: Revista de História UFC. Fortaleza, v. 1, n. 1, 2001.